

Linguagens oral e viso-espacial: um estudo sobre o regionalismo dentro da LIBRAS e da ASL

Thaís Lau da Silva

a Colégio Bom Jesus, e-mail: thaís.lau@mail.bomjesus.br

Palavras-chave: *Língua de sinais, Libras, ASL, Regionalismo*.

Área do conhecimento: ☐ Vida ☐ Terra ☐ Sociedade ☐ Engenharias ☒ Educação

possível escutar falas gritadas, amplificadas pelo aparelho e muito

Introdução

O presente artigo tem como pauta a inferiorização da Língua de Sinais, em detrimento da escrita, a qual pode ser relacionada com o *fonocentrismo* que é um termo de autoria do filósofo Jacques Derrida, ele designa o privilégio da fala sobre a escrita. Esses pensamentos culminam em correntes adversidades para os surdos, tanto no âmbito escolar quanto no social, visto que os deixa à margem de explorar seus pensamentos críticos e culturais.

Seguindo na mesma linha de raciocínio o desenvolvimento está baseado nos estudos de William Stokoe, um dos primeiros a instruir a Língua de Sinais como um tratamento linguístico, assim ele elevou o status linguísticos das línguas de sinais, demonstrando que se pode dividir um sinal em cinco parâmetros fonológicos.

Portanto, como alusão a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a *American Sign Language* (ASL) -em português: Língua Americana de Sinais - é elucidado o regionalismo e as variações linguísticas presente em cada uma de forma singular, com o objetivo de salientar a importância da discussão sobre as Línguas de Sinais. Bem como a desmistificação, com base científica, do pensamento errôneo de que elas são prejudiciais ao desenvolvimento linguístico, para aquisição da fala e do pensamento. E com isso, comprovar a organicidade da língua, uma vez que ela não está encerrada em dicionários e regras estritamente gramaticais, mas sim, viva nas mãos da comunidade surda.

Material e Métodos

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de uma abordagem científica, sendo baseado em levantamentos de dados, entrevistas, observações, documentos, artigos e livros na área do estudo das Línguas de Sinais.

Resultados e Discussão

Em primeiro plano, de acordo com um estudo feito pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda, dos surdos no Brasil mais de 2 milhões têm deficiência severa. Quando chega ao grau severo, a pessoa apenas consegue ouvir sons entre 71 e 90 dB. Assim, só será

próximas do ouvido. Entretanto, quando o assunto é educação, no que tange a equidade e inclusão, a comunidade surda é claramente suprimida. Pode-se observar tal conjuntura através de outra pesquisa feita, também pelo Instituto Locomotiva, o qual revela que mais de 30% dos surdos não possuem formação básica de ensino, em contrapartida, para população ouvinte em geral, essa porcentagem é de apenas 8%.

De tal maneira, a inferiorização da Língua de Sinais, em detrimento das escritas, pode ser relacionada com o fonocentrismo que é um termo de autoria do filósofo Jacques Derrida, ele designa o privilégio da fala sobre a escrita, e vai de encontro ao Logocentrismo como o próprio nome diz, determina a palavra sendo o centro de qualquer texto. Esses pensamentos culminam em diversas dificuldades para os surdos, tanto no âmbito escolar quanto no social, visto que os deixa à margem de explorar seus pensamentos críticos, pois com o corrente processo educacional majoritariamente caligráfico, se tornam necessárias adaptações não favoráveis à sua respectiva cultura.

Tendo em vista, que a comunidade surda possui um contexto discriminado historicamente, como por exemplo, no Congresso de Milão em 1880, que foi mais um momento obscuro na História dos surdos, uma vez que lá, um grupo de pessoas, ouvintes, tomou a decisão que a língua oral seria utilizada na educação e no ensino de surdos, substituindo a língua de sinais/gestuais pelo oralismo. Por conseguinte, tal cenário motiva até hoje o preconceito linguístico que vem da população ouvinte, dado que a informatização referente às Línguas de Sinais como um idioma completo como qualquer outro é pouco disseminada.

Portanto, William Stokoe (1960) foi o primeiro diretor do Gloucester Hall, uma instituição beneditina da Universidade de Oxford, um dos primeiros a estudar a língua de Sinais com tratamento linguístico, ele pesquisou muito sobre a Língua de Sinais (LS) Americana (LSA) e contribuiu para todas as outras LSs ao dividi-las em cinco parâmetros fonológicos. Antes de explicá-los, gostaria de contextualizar como tais se relacionam à afirmação de que a LIBRAS assim como a LSA, entre outras línguas de Sinais, são de fato um idioma. Apesar de que irei compará-las com a

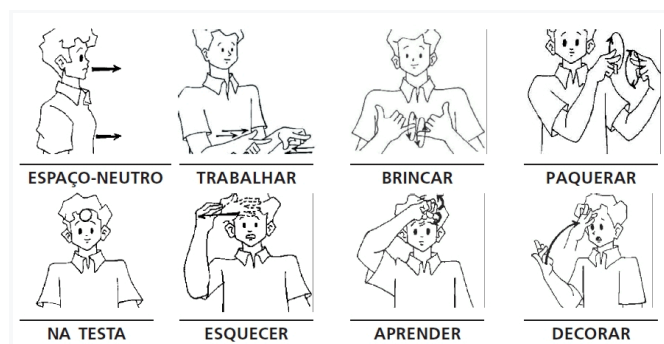
língua escrita (português) , farei isso apenas com o intuito de facilitar o entendimento de leigos no assunto.

Quando crianças ouvintes estão aprendendo a língua falada/escrita de seu país, o método mais utilizado é dividi-la em unidades menores como: letras, sílabas, palavras...até que consigam formular uma frase, ou ainda, um texto. Um exemplo prático se dá nas palavras mata e pata em que se faz uma importante distinção entre as letras, m e p. Entretanto, com a Libras não é diferente, já que essas unidades menores distinguidas por Stokoe são: configuração de mão (que seria como a mão se posiciona e pode estar atrelada ao alfabeto manual). De acordo com Felipe e Monteiro (2007, pg. 21), na Libras há 64 configurações distintas, alguns exemplos de sinais que utilizam a mesma configuração de mão (em “s”): sinal de “aprender”, “sábado”, “laranja” e “desodorante-spray”:



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor pg. 21.

Outros parâmetros seriam então o movimento; ponto de articulação (que é a parte do corpo onde ocorre o movimento, delimitado pela extensão máxima dos braços:



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor pg. 22.]

Há também, a orientação (que é o plano em direção ao qual a palma da mão é orientada) e por fim, à expressão facial e/ou corporal como título de exemplo temos o Rosto: parte superior: sobrancelhas franzidas; olhos arregalados; lance de olhos; sobrancelhas levantadas. Parte inferior: bochechas infladas; bochechas contraídas; lábios.

O regionalismo e as variações linguísticas existem tanto nas línguas orais, quanto nas línguas de sinais. Esse assunto é bastante recorrente, isso porque alguns usuários ouvintes dizem que não conseguem se comunicar em outras regiões do seu país e que por isso, a LS deve ser “universalizada”. Em contrapartida, não vemos o mesmo movimento querendo excluir o regionalismo da Língua Portuguesa por exemplo, isso porque as pessoas são fluentes no português é a sua primeira língua, então conseguem se comunicar com pessoas de qualquer região e compreender bem, mas ainda assim pode acontecer um ruído que será facilmente contornado dentro da conversa. Assim como, na Língua de sinais, os ruídos também podem ser contornados, com uma possível dificuldade, o que não os impede de serem esclarecidos.

Para linguística o regionalismo não é visto como um potencial prejuízo à comunicação, visto que ele comprova a

organicidade da língua, uma vez que ela não está encerrada em dicionários e regras estritamente gramaticais, mas sim, viva na boca e nas mãos do povo. A sociolinguística ainda afirma que a variação linguística não depende apenas da região, mas também de outros fatores externos como: classe social, cultura, idade, sexo ou até mesmo o próprio contexto que o indivíduo está inserido, na Libras, a variação regional acontece quando existem vários sinais para o mesmo objeto, por exemplo o sinal para a cor Verde, existem mais de duas formas de sinalizar, vai depender da região que será utilizado. De acordo com uma pesquisa feita por Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS) foram encontradas três maneiras de sinalização para a cor verde, como no exemplo abaixo:



Já alguns dos aspectos sociolinguísticos de variação e mudança na ASL estudados pelos autores: Adam Schembri da Universidade de Birmingham e Trevor Alexander Johnston da Universidade Macquarie, são:

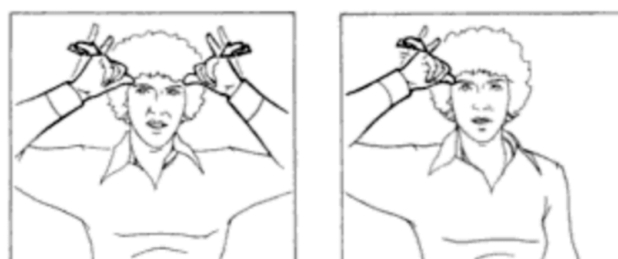


Fonte: Copyright © 2005 by Gallaudet University Press.

Reprinted with permission.

ANIVERSÁRIO: variante padrão (esquerda), variante Pensilvânia (centro) e variante Indiana (direita)

A variação no número de mãos na ASL já foi também objeto de estudos sociolinguísticos. Woodward e DeSantis (1977) investigaram a variação em sinais tipicamente produzidos com duas mãos baseados em dados coletados de duas faixas etárias (abaixo ou acima de 47 anos), duas etnias (brancos e negros) e duas diferentes regiões dos Estados Unidos (Atlanta e Nova Orleans). Como exemplificado abaixo, variantes de duas mãos e uma mão do sinal ASL COW (vaca em português):



O estudo revelou que sinalizadores brancos jovens empregam mais a forma com uma mão do que sinalizadores brancos mais velhos. Já os sinalizadores negros, tanto jovens quanto idosos, empregaram, de forma geral, mais as formas com duas mãos. Com base nesses resultados, Woodward e DeSantis evidenciam a existência de uma diferença socioletal na ASL entre sinalizadores brancos e negros. Segundo os autores, a variedade da ASL usada pelos surdos negros difere da empregada pelos surdos brancos em virtude de a primeira utilizar mais a forma de duas mãos, considerada, com base em registros históricos, como a variante mais antiga.

Considerações Finais

O estudo ainda está em desenvolvimento para elaborar métodos lúdicos de ensino das libras e da ASL. Porém, buscou-se ampliar os conhecimentos a partir da produção científica selecionada no âmbito das Línguas de Sinais. Bem como, expor de forma transparente, a inferiorização da mesma, e como isso afeta diretamente no desenvolvimento psicossocial dos surdos. Em oposição a isso, procurou-se efetivar o rompimento com a crença de que as LSs são desestruturadas lexicalmente, fazendo-se necessária a disseminação de instruções linguísticas viso-espaciais, com a elucidação de estudos sobre o regionalismo e as variações linguísticas tanto na área da Língua de Sinais Brasileira, quanto na Língua de Sinais Americana.

Agradecimentos

Agradeço ao Bom Jesus, em conjunto do Colégio Sesc São José, que me oportunizaram o desenvolvimento desse projeto. Gratifico ao Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto por assomar meu propósito diante de espaços inclusivos e integrantes na sociedade brasileira. Agradeço a minha professora Stephanie Angela Todesco por todo o auxílio e orientação. Agradeço a todos que fizeram parte direta ou indiretamente deste trabalho.

Referências Bibliográficas

Autor: Almir Cristiano | Publicado: 17/05/17 | Atualizado: 19/03/20 | Acessos: 11225 <https://www.libras.com.br/>

Os Cinco Parâmetros da Libras <https://aedmoodle.ufpa.br/>

MAPEAMENTO DO PARÂMETRO FONOLÓGICO EXPRESSÃO FACIAL NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA <https://letraslibras.ufam.edu.br/>

UMA PROPOSTA DE PROTOCOLO DE CODIFICAÇÃO DE LIBRAS PARA SISTEMAS DE TV DIGITAL <https://repositorio.ufpb.br/>

A Gramatologia, uma ruptura nos estudos sobre a escrita: a Disruption on Written Language Studies <https://www.scielo.br/>

REGIONALISMO NA LIBRAS: DIFERENÇAS PRESENTES NA EXECUÇÃO DOS SINAIS Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS) <http://www.filologia.org.br/>

Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras <https://www.scielo.br/>

Eduardo, Se Liga Nas Mãos. REGIONALISMO e VARIAÇÃO LINGUÍSTICA em Libras. You Tube, 01 de fevereiro de 2017 <https://www.youtube.com/>

Sociolinguistic aspects of variation and change <https://www.researchgate.net/>